

“A heresia pentecostal”: Embates, tensões e diálogos do pentecostalismo em Belém do Pará (1911-1931).

Rafael da Gama¹

Resumo

Este artigo pretende analisar o movimento pentecostal no Brasil a partir do seu início em Belém do Pará, através da relação desta, com outras igrejas e denominações em suas primeiras décadas de formação. O pentecostalismo surgiu em uma cidade com um ethos católico predominante, hibridizado com religiões de raiz indígena, promovendo um catolicismo místico, criticado ferozmente pelo clero católico europeu, e um protestantismo ortodoxo e racional, que conseguiu notoriedade social e influência política, mas não uma forte adesão da população paraense. A Assembleia de Deus foi um movimento oriundo do protestantismo histórico, mas diferenciado, devido ao seu estímulo a uma experiência mística, conseguindo um melhor diálogo com a religiosidade paraense e um crescimento rápido de fieis, gerando constantes conflitos com os grupos religiosos que ali já predominavam. A intensão da pesquisa é, através das fontes documentais e dos trabalhos acadêmicos já realizados sobre esse período, perceber os embates sofridos pelo movimento pentecostal por católicos e protestantes, e como o movimento pentecostal dialogou com a religiosidade urbana presente na cidade de Belém.

Palavras-chave: Movimento pentecostal; Conflitos religiosos.

Abstract

This article analyzes the Pentecostal movement in Brazil from its inception in Belem do Para, through the relationship of this with other churches and denominations in its first decades of training. Pentecostalism emerged in a city with a predominantly Catholic ethos, hybridized with indigenous roots of religions, promoting a mystical Catholicism, criticized fiercely by the European Catholic clergy, and an orthodox and rational Protestantism, which managed social awareness and political influence, but not a strong membership of the Pará population. The Assemblies of God has been a movement coming from the historical Protestantism, but differentiated, due to its stimulation of a mystical experience, getting a better dialogue with Para religiosity and rapid growth of the faithful, generating constant conflicts with religious groups that there has predominated. The intention of the research is, through the documentary sources and academic work already done on this period, see the conflicts suffered by the Pentecostal movement by Catholics and Protestants, and dialogued as the Pentecostal movement and changed urban religiosity present in the city of Belem.

Keywords: Pentecostal movement; Conflicts religious

¹ Doutorando em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Introdução

Belém é uma cidade que há séculos manifesta sua fé de forma significativa, principalmente quando analisamos a fé cristã. Ao andar pelo centro da cidade, os vestígios materiais da história da cidade se mesclam as grandes basílicas e catedrais que foram erguidas no decorrer de sua existência. Além de eventos como o círio de Nazaré, uma expressão prática dessa fé, considerada por alguns como o maior evento religioso do mundo, o conhecido “natal dos paraenses” reúne mais de dois milhões de pessoas vindas de todo o mundo para a realização da procissão da “Nossa senhora de Nazaré”.

Dentre os evangélicos, vale destacar uma denominação desse movimento com uma especificidade própria, a Assembleia de Deus. Advinda do movimento pentecostal. Esta é uma igreja que surgiu em Belém e se propagou pelo país, sendo hoje, a maior denominação evangélica do Brasil com mais de 12 milhões de congregantes². Em Belém, seu destaque não é diferente do resto do país. A cada esquina, principalmente nas periferias, podemos encontrar uma congregação da Assembleia de Deus, ou uma igreja do movimento pentecostal e neo pentecostal, sendo que, dentre estas, a Assembleia se tornou além da igreja pioneira do pentecostalismo, a mais expressiva desse movimento no país. Não por acaso, Belém foi a cidade escolhida para o festejo do centenário da Assembleia de Deus no Brasil. “Reunindo milhares de pessoas, tanto paraenses quanto fieis em todas as partes do mundo”.³

A Assembleia de Deus foi um movimento oriundo do protestantismo histórico, mas diferenciado, devido ao seu estímulo a experiências místicas com o Espírito Santo, como o dom de cura, visões e o falar em línguas estranhas, conseguindo um melhor diálogo com a religiosidade paraense oriunda de um catolicismo místico e sincrético. Conseguiu um crescimento rápido de fieis, em três décadas conseguiu mais adeptos que o protestantismo nos seus mais de 150 anos na nação. Mas, gerou constantes conflitos com os grupos religiosos que ali já predominavam. A intensão deste artigo é, através das fontes documentais e dos trabalhos acadêmicos já realizados sobre esse período, perceber a origem e crescimento do movimento pentecostal em Belém, sua relação com vertentes religiosas já consolidadas na cidade, como católicos e protestantes. Analisaremos o protestantismo na cidade para entendermos um pouco da conjuntura religiosa em que surgiu o pentecostalismo em Belém, mas daremos maior ênfase a

² <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/ibge-populacao-catolica-encolhe-no-brasil>

³ <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/06/igreja-assembleia-de-deus-completa-100-anos-de-existencia.html>

análise do movimento pentecostal, perceber a partir das protestantes, como esta fé e originou, cresceu e se expandiu no estado e no restante do país. Percebendo assim, como pentecostalismo dialogava com a capital do Pará.

“As seitas biblistas”: O Protestantismo em Belém

No final do século XIX e início do XX percebemos mudanças e transformações significativas acontecendo na cidade de Belém. Esta se moderniza, ganha status de metrópole, muitas obras são feitas em sua infra-estrutura, como grandes praças, teatros, ruas, prédios, bondes circulando pela cidade, luzeiros espalhados pelas ruas, clareando o breu da noite, um aumento do comércio e da economia. A maior parte dessa modernização da cidade se deve aos altos lucros obtidos com a economia da borracha, onde o estado do Pará era o principal exportador do produto. Durante esse período, a cidade dobrou o número de habitantes, muitos vindos do interior do estado, de outros estados como o Ceará, migrantes a procura de trabalho, a ter uma vida melhor em uma cidade em crescimento econômico.⁴ (Sarges, 2000)

Nesse período, também notamos uma religiosidade diferente de décadas anteriores, um catolicismo que estava deixando de ser religião oficial do estado em 1890, e um protestantismo que se aproveitava da sua liberdade oficial de culto para se consolidar na cidade. Agora, missionários protestantes batistas, metodistas, presbiterianos, muitos enviados por agências missionárias norte americanas, vendiam bíblias nos portos, formavam congregações fixas de denominações, faziam cultos regulares semanalmente, tinham um determinado número de fieis que frequentavam e seguiam a fé protestante com um número crescente de membros. Pregavam sobre sua fé nos seus templos, nas ruas, distribuía folhetos e jornais protestantes.

Apesar dos protestantes já estarem na cidade desde o início do século XIX. Em Belém, percebemos um catolicismo expressivo na cidade, historiadores como David Vieira Gueiros, notam no Pará, assim como no Brasil, um catolicismo que “era uma espécie de sincretismo entre um catolicismo puramente simbólico do camponês português e os conceitos religiosos dos índios e dos africanos”⁵. Sincretismo o qual

⁴ “Belém: Riquezas produzindo a Belle Epoque” Sarges, 2000.

⁵ Gueiros, 1980, p170

assustava muitos sacerdotes católicos da Europa que vinham ao Pará no século XIX.⁶

Uma crença muito forte do catolicismo popular paraense, se percebia na adoração dos santos através das imagens.⁷ O “santo particular” do paraense poderia ser bem tratado se tudo ocorre-se bem em sua vida e de seus familiares, se suas preces forem atendidas regularmente, mas a imagem poderia sofrer punições caso o propósito do fiel não seja atendido, como enterrar a cabeça da imagem na areia ou pendura-la em uma árvore.

Nessa prática do paraense de adoração aos santos através das imagens, se notava em grande destaque a sua devoção a Nossa Senhora de Nazaré. Um tipo de “adoração” que foi além do conceito teológico do catolicismo de render mais que uma homenagem (dulia) e chegou a ser um fenômeno como a “latria” (adorar como se adora a Deus), bispos como Dom Macedo Costa, ao perceber que os paraenses adoravam a imagem como se esta fosse a própria Virgem Maria, procurou fazer declarações contrárias a prática religiosa, causando grandes indignações populares e entre alguns membros do clero católico.⁸

Em Belém, assim como nos outros estados do Brasil, os missionários protestantes viam a América Latina como um campo missionário que precisava ser convertido a “verdadeira fé cristã”. Para eles, a América Latina precisava ser evangelizada pois tinha a igreja católica como instituição religiosa principal e esta “era uma religião que se apostatou, se perdeu em folclores e sincretismos locais”⁹.

Os protestantes que comandavam essas igrejas, em sua maioria, possuíam um uma consolidada ortodoxia, um bom embasamento teológico. Tinham a bíblia como regra de fé e prática e acreditavam que qualquer um poderia ter acesso a ela, defendiam um sacerdócio universal, em que a comunhão dos homens com Deus era intermediada pelo

⁶ David Vieira Gueiros, em sua Obra, O protestantismo, A maçonaria e a questão religiosa no Brasil. Ao falar sobre a vinda de ordens religiosas católicas de seminários franceses a Belém, esta fala das constantes reclamações dos sacerdotes as práticas dos católicos paraenses, “simpatias”, “mandingas”, além de outros problemas como corrupção do clero e idolatria, como discutiremos mais à frente.

⁷ Uma característica do catolicismo desde a idade média é a utilização de imagens dos santos como dogma religioso, o que antes era uma lembrança dos mártires do cristianismo primitivo, virou objeto de devoção nos séculos VI e VII a partir da expansão do catolicismo aos povos bárbaros (falar mais do surgimento da prática e da diferenciação da igreja romana e ortodoxa nessa área) (ver Marcelo Santos, Jesse Lins Hunt)

⁸ Gueiros, 1980, 171

⁹ Mendonça, 1995, p92

próprio Jesus Cristo, sem necessitar de um santo, Para ou padre para intermediar.¹⁰ Há diversos embates desses missionários com as lideranças católicas da cidade em que estes refutavam determinados dogmas do catolicismo como a devoção aos santos ou a devoção mariana. O pastor Metodista Justus Nelson, chamava sarcasticamente, a estátua de Nossa Senhora de Nazaré de “Bonequicha do Gram Pará” e responsabilizava “ao governador do estado toda a idolatria que o povo vae tributar a aquela calunguicha”¹¹. O pastor Eurico Nelson, nomeava manifestações religiosas como o Círio de Nazaré de “idolatria romanista”¹².

Também se articulavam politicamente, sempre ao lado de liberais e republicanos, principalmente pelas similaridades da defesa de ideias, como o regime político republicano, que favoreceria a liberdade de culto religioso como interesse dos protestantes. Eram constantes as matérias do Jornal “O apologista Chistão” coordenado por Justus Nelson, e haver defesa em pró do Estado laico, como nas matérias “separação entre igreja estado”,¹³ “O partido republicano”¹⁴, e outras reivindicações. A imprensa constantemente era um palco de embate, em que lideranças católicas e protestantes as ocupavam em diversos debates apologéticas, tanto em periódicos de suas religiões, como na grande imprensa.

Apesar disso, não percebemos no Pará um expressivo número de fieis se comparado a regiões de São Paulo e Rio de Janeiro, nas igrejas Batista, Metodista, e Presbiteriana, o número de fieis variava de algumas dezenas para uma ou duas centenas. Enquanto em outros estados a fé protestante multiplicava em seus milhares, alcançava interiores, criava centrais de imprensa e fortes instituições de ensino. No Pará, apesar da forte articulação política e reconhecimento na cidade, não tinha grande aderência em número de fieis, vários jornais protestantes de circulação nacional faziam apelos para obreiros irem a região e perguntavam “o que está acontecendo com o Pará;”¹⁵

¹⁰ Tanto Weber teorizando o protestantismo em geral, como autores que trabalham o protestantismo no Brasil, como Emilie Leonard e Antônio Gouveia de Mendonça, percebem essas características do protestantismo brasileiro nesse período, David Vieira Gueiros, que fez uma breve análise do protestantismo no Pará no século XIX, também percebe as mesmas características.

¹¹ O apologista Chistão, 21\06\1890

¹² Bezerra, fazendo uma biografia do Eurico Nelson, publicada em 1951. Relata quando este chegou a Belém no final do século XIX.

¹³ Idem 01\02\1890

¹⁴ O lbdem Chistão 25\01\1890

¹⁵ Jornal “Norte Evangélico” 1925

Na igreja católica no Pará, a ordem que mais percebemos ter um controle dos principais ritos e meios de comunicação era a ordem barnabita, que coordenava eventos significativos para a religiosidade católica da cidade, como o Círio de Nazaré. Também, passou a administrar na década de 20 a basílica de Nazaré, maior catedral da cidade. E coordenava o maior veículo de imprensa católica do estado, o jornal “A palavra”. Este periódico católico, muito rico em informações, circulou em Belém entre 1916 e 1945. Na maioria das edições recolhidas do jornal que ocupavam a primeira página, os temas recorrentes eram críticas negativas ao comunismo, espiritismo, comportamento social e especialmente ao protestantismo.

Dos temas mais citados pelo jornal “*A Palavra*”, o protestantismo foi assunto mais combatido nos mais de 30 anos de publicação analisada. Desde 1918, havia citações no jornal falando que “a igreja protestante é devorada dentro de si mesma [...] não possui nem vontade, nem organização, o que a torna absolutamente incapaz de toda ação importante”¹⁶. No ano de 1921, o padre barnabita Florencio Dubois, publicou um livro chamado “O biblismo”, que se tornou conhecido pelo país inteiro, onde este se utilizava de alguns artigos escritos no jornal “*A palavra*” e a introdução de seus conhecimentos teológicos para refutar minuciosamente o protestantismo, desde a Lutero aos dias de hoje.

“ A bibliolatria é o centro, o eixo da Reforma. O delírio escripturario dos luteranos hombra com o fetichismo dos muçulmanos pelo Alcorão, com o apego dos chineses pelos livros de Confucio, e com a idolatria dos Hindus pelas leis de Manú e dos Vedas. “todas as seitas” por acanhada que seja a sua esfera de vida particular e por mesquinha que seja a sua mutilação do chistianismo, asseveram ter por fonte e norma de doutrina a bíblia e só a bíblia”¹⁷

Esse ataque intenso da imprensa católica a vários grupos religiosos e ideológicos não católicos, fazem parte das estratégias da igreja para seu mantimento hegemônico de poder. Principalmente no final do século XIX e início do século XX, quando a igreja deixa de ser religião oficial do estado e perde sua oficialidade judicial de principal religião brasileira. Os ataques as “seitas”, que muitas vezes eram títulos

¹⁶ “O Protestantismo” 5\12\1918

¹⁷ DUBOIS, 1921, p.16

destinados a religiões não católicas, especialmente aos protestantes, foram mais intensos.

Assim como os protestantes históricos, também encontramos citações aos pentecostais na imprensa católica da cidade, mas raramente ocorria, há apenas uma citação de Padre Dubois falando algumas frases sobre o crescimento do pentecostalismo dizendo que era “uma desgraça que nem os protestantes gostavam”¹⁸ (A palavra 1923). De longe as menções ao movimento pentecostal se comparavam ao que era dito de outras denominações protestantes. Apesar disso, Vingren relata que:

“Naquele tempo, escreviam muitos artigos contra os crentes¹⁹, mas haviam também jornais que nos defendiam. As ondas de discussão iam bem altas, um dia o redator de um jornal de Belém veio a nossa igreja para pesquisar sobre o assunto. Porém, para a alegria de todos nós. O redator nos defendeu contra os que nos criticavam”²⁰

Ao analisarmos o diário e outras fontes como os veículos de imprensa dirigidos por Gunnar Vingren, o termo “crentes” poderia definir tanto apenas os pentecostais como pentecostais e protestantes. Neste trecho em específico, o termo é utilizado para retratar o movimento protestante histórico. Até Vingren nesse período ressalta o forte embate entre católicos e protestantes que chegava até mesmo a grande imprensa.

Apesar de, já neste período, serem notados por jornalistas católicos e da grande imprensa, não percebemos na temporalidade analisada, estes darem grande importância ao movimento pentecostal. Muito diferente o que ocorria com as outras denominações protestantes presentes na cidade.

Notamos assim, que o protestantismo histórico não foi tão diferenciador na cidade por número de adeptos, mas por suas tentativas de notoriedade através da vida pública dos membros, as instituições formadas por eles, a admiração de certos setores da sociedade ao protestantismo norte-americano, aos contatos com pessoas importantes, e sua propagação de fé, que confrontava vertentes religiosas já consolidadas, era proclamada em templos ou ao ar livre, ou através de jornais protestantes que circulavam pela cidade. Uma das acusações dos protestantes aos católicos era que estes se

¹⁸ Jornal “A Palavra” Cartas a um jovem moço. 1923.

²⁰ Vingren, 61, p 65

apostataram da verdadeira fé cristã, justamente por terem se sincretizado com outras religiões, e algumas práticas que estes consideravam idolatras, como a devoção aos santos. O protestantismo se posicionava como uma religião pura, que restaurava o cristianismo em seu período primitivo²¹, antes da igreja se atrelar ao estado, e manter sua cosmovisão racional, que confrontava o catolicismo e suas práticas religiosas, principalmente na que sacerdotes e santos e as várias curas e milagres tinham uma função intercessoria entre Deus e o fiel.

Apesar disso, os veículos de imprensa católicos davam mais atenção aos protestantes históricos do que os vários outros “inimigos” que o catolicismo elegia. Até mesmo os pentecostais, que já se mostram crescentes nesse período, ganhavam uma inexpressiva atenção nos periódicos.

“Pathologia religiosa”: Tensões de protestantes em pentecostais.

Há discussões na historiografia sobre a Assembleia de Deus ser considerada uma igreja protestante. Esta faz parte do movimento pentecostal²², que defende a experiência do “Batismo com o Espírito Santo”, Esta se daria por um êxtase emocional seguido de glossolalia, o ato de falar em línguas estranhas. Um fenômeno referente ao momento de pentecostes relatado no livro de Atos dos Apóstolos. Fenômenos como “curas” também eram enfatizados por eles. Esses eram seus principais diferenciais, de resto, a própria congregação se considerava protestante, pois criam na Bíblia como verdade absoluta, Jesus Cristo como único mediador entre Deus e os homens. Mas o diferencial da “nova

²¹ Porteli, ao trabalhar a visão religiosa de Gramsci trabalha com o protestantismo como um movimento que na sua origem, nasceu para restaurar a “pureza” do cristianismo primitivo, que o catolicismo se distanciou. Este retrata que diversos outros movimentos cristãos surgiram antes da reforma com o objetivo deste restauro, mas ou era acoplado pela igreja (vide os franciscanos oriundos de Francisco de Assis) ou eram combatidos pela mesma (vide os pré-reformadores, Valdences, Husseanistas). O protestantismo, segundo o autor, não se agregou ao catolicismo e resistiu a sua perseguição bélica e até o século XX vemos este movimento procurando quebrar a hegemonia do catolicismo nos países em que passa.

²² Utilizaremos na pesquisa a definição de protestantismo adotado por Antônio Gouveia de Mendonça em que protestantes seriam tanto aquelas igrejas originárias do tempo da reforma, como igrejas que surgiram posteriormente, mas adotaram os princípios gerais do movimento. A assembleia de Deus, apesar de suas diferenciações, nesse período, ela não racha com os princípios tradicionais da reforma como defesa da autoridade da bíblia sagrada, Jesus como o único mediador, os cinco solas. MENDONÇA, Antônio Gouveia. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. Revista da USP. SP, 2005.

doutrina”, não agradou muitos protestantes, e vemos isso claramente ocorrendo em Belém do Pará.

. Os propagadores do pentecostalismo em Belém foram os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Vingren foi seminarista do seminário de Chicago, mas, Daniel Berg era um operário sem grandes conhecimentos teológicos. Os dois eram suecos de denominação batista, marginalizada na Suécia devido à forte atrelamento do estado com a denominação luterana.²³ Esses missionários vieram dos Estados Unidos depois de terem contato com o movimento pentecostal que estava efervescendo em seu início nessa nação, objetivando propagar sua fé no Brasil. Já percebemos um diferencial místico na escolha do território por Gunnar Vingren. Em uma reunião de oração, Vingren receber uma revelação em uma reunião de oração, em que “um outro irmão, Adolfo Undini recebeu do Espírito Santo palavras maravilhosas e vários mistérios sobre o meu futuro foram revelados, dentre outras cousas o Espírito Santo falou a esse irmão que eu deveria ir para o Pará”²⁴. Ao contrário dos missionários protestantes históricos, estes vieram para o Pará sem o apoio de uma agencia missionária, confiando apenas no poder do Espírito Santo advindo da doutrina pentecostal que haviam abraçado.²⁵

Seu foco era pregar dogmas semelhantes o protestantismo, como Jesus sendo único mediador, sua morte e ressurreição, a bíblia como verdade absoluta. Mas, a partir da própria bíblia como base, estes sempre enfatizavam a sua “nova doutrina” que incluía a praticidade de viver uma religiosidade a partir de experiências com o Espírito Santo como descritas em Atos dos Apóstolos, onde haviam curas e falar em outras línguas como evidencia do batismo com o Espírito Santo, curas, visões, revelações.

Doutrinas essa que não agradaram os batistas da congregação de Eurico Nelson, denominação que Berg e Vingren passaram a congregar. Após reuniões de oração da igreja em que estes coordenavam, uma mulher ser curada por uma doença nos lábios e

²³ CALDAS, Carlos. As ondas missionárias estrangeiras no Brasil, 2001 in Perspectivas no movimento cristão mundial. WINTER Ralph, and BRADFORD, d. Kelvin.

²⁴ Vingren, 1961, p27

²⁵ Gedeon Alencar, na sua tese de doutorado “Matriz pentecostal Brasileira”, problematiza a questão da vinda destes ao Pará, pois, havia a possibilidade deles já terem ouvido falar deste território antes da dita revelação, justamente por Berg já conhecer Justus Nelson no período em que este já era pastor metodista em Belém, ou de Vingren já ter até estudado no mesmo seminário que o pastor batista Erik Nelson, sueco líder da igreja batista de Belém que rachou com a Assembleia de Deus. Esse ocultamento de um possível conhecimento anterior sobre o Pará, é questionado pelo autor como um possível elemento de construção do mito fundante.

algumas pessoas receberam o chamado “batismo com o Espírito Santo”²⁶. O desagrado foi tanto que ambos os missionários foram expulsos pelas lideranças da igreja, mas levaram consigo outros 19 membros, que juntos, passaram a se reunir em moradias de estruturas precárias para proclamar sua fé. Praticando o batismo com o Espírito Santo e curas. A partir daí a congregação passa a ser independente dos batistas, sendo nominada inicialmente por “Missão de fé apostólica” e 8 anos depois, a “Assembleia de Deus”, iniciando um movimento que se tornou crescente tanto na cidade, quanto no resto do país.

Como dito antes, a historiografia nos aponta uma adesão de paraenses ao protestantismo, em projeção mais lenta se comparada a estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, mas ainda assim, era uma vertente religiosa que ganhava fieis e espaço de visibilidade através da admiração de pessoas importantes do estado e da imprensa. Mas em Belém, não notamos uma difusão tão grande das três principais vertentes do protestantismo que a historiografia nos aponta em Belém (Metodistas, Batistas e Presbiterianos) como houve com o movimento pentecostal, que resultou posteriormente na igreja Assembleia de Deus. Samuel Ninstron, um dos líderes da assembleia de Deus no período diz que “Quando deixamos o Pará em 1930 havia três igrejas com locais próprios e mil membros. No interior havia 50 igrejas locais e algumas delas tinham já quase 400 membros”, em 1934 o obreiro da A.D Nels. J. Nelson registra mais de 6000 fieis e 70 igrejas espalhadas pelo Pará. Além de outras várias igrejas espalhadas pelo país (Ninstron, 1987)²⁷. As denominações protestantes mais significativas na cidade variavam entre 50 a 120 número de fiéis. Igrejas como a Presbiteriana por exemplo, que era a maior denominação protestante do país, com grande concentração no Sudeste, em Belém, passaram décadas com umas poucas dezenas de membros e até mesmo vários anos sem um pastor fixo.²⁸

²⁶ Vingren, 61

²⁷ Alencar, Gideon. Assembleias de Deus, Origem, organização e militância. (1911-1946).

²⁸ Segundo Hoorneart, o primeiro presbiteriano a surgir no Pará, foi Rev. Blackford em 1878. Este seguiu seu trabalho missionário distribuindo bíblias e trechos das escrituras, mas nos anos seguintes, o movimento não se consolidou e prosperou, nas primeiras décadas no século XX, o autor registra que em 1917 a igreja presbiteriana se encontrava apenas com uma sala de oração. Mas se formos olhar na ata da primeira igreja presbiteriana do Pará na câmara dos deputados, informando sobre os 100 anos da igreja na cidade, ali nos é informado que os pastores trocavam constantemente e durante 5 anos a igreja ficou sem pastor efetivo. Isso mostra que provavelmente, não houve um trabalho consistente a longo ou médio prazo dessa denominação na cidade, mas ao final notamos que a liderança que mais perdurou na igreja foi o reverendo Antônio Teixeira Gueiros. Este é citado rapidamente por Eduardo Hoorneart, segundo o autor “No Pará viria a se destacar o Rev. Teixeira Gueiros, que em virtude de sua

Mas as desavenças com os protestantes não se limitaram a sua expulsão da denominação batista. Pouco tempo depois, logo alguns anos após o início do movimento pentecostal na cidade, já percebemos periódicos batistas e presbiterianos opinando sobre “A heresia pentecostal” (1923), nomações jocosas como “espíritos de fogo” (1916), “A praga que veio do Pará” (1916) era comuns nesses jornais. Várias matérias e até colunas eram publicadas com o objetivo de refutar as práticas e costumes do pentecostalismo. Como por exemplo, o Jornal batista, que circulava no Brasil inteiro, e era distribuído em Belém pelo próprio Eurico Nelson, missionário da igreja Batista em que Gunnar Vingren foi expulso. Na matéria, “Pathologia Religiosa”, do “jornal Baptista” notamos a forma como o jornal os retratava.

“O seu falso profeta Vingren, chegou a hospedar-se na igreja de Belém dizendo-se missionário desta denominação”[...] A conversão normal é aquella em que se combinam proporcionalmente todos os elementos espirituais da pessoa [...] A sua doutrina é a própria encarnação do fanatismo, da superstição e da bisbilhotice religiosa na sua expressão de máximo requinte. Nós o temos presenciado nas suas espeluncas sob uma atmosfera de sugestão, excitamento e ultrasentimentalismo; temos testemunhado o ridículo de suas proezas linguísticas, o indecente de seus tremeliques e grunhidos histéricos, temos ouvido por elles mesmos os seus supostos milagres, e podemos afirmar que esse nosso acerto são verdades incontestes.²⁹

O pentecostalismo era identificado por esses jornais como “seita”, “praga” e até “pathologia”. Nessa matéria em específico, o autor ressalta uma diferença da conversão “normal” para a “Pathologica”, onde a conversão verdadeira, deveria haver um equilíbrio entre razão, vontade e emoção. A emoção não é descartada mas o elemento racional era valorizado pelo protestantismo. A acusação do jornal diante do pentecostalismo era de ser uma religiosidade pathologica por exaltar o sentimentalismo

atividade política viria a se tornar governador do estado” (Hoornaert, 1992, 329). Além de ser o líder presbiteriano que perdurou mais tempo como pastor da igreja presbiteriana em Belém, também se percebe que ele chegou a se destacar na política a partir da década de 40, como deputado, superintendente da polícia militar, vice governador do Pará e governador. Nesse período este continuou exercendo o papel de pastor presbiteriano. Este foi o principal disseminador do jornal “O Norte Evangélico” presente na cidade.

²⁹ “Pathologia Religiosa” Jornal batista, 1922.

e misticismo em detrimento da razão, O que justificava a rejeição as suas expressões religiosas.

No jornal presbiteriano “Norte Evangélico”, um jornal feito especificamente para a igreja presbiteriana do norte e nordeste do país, havia uma coluna quinzenal chamada “heresia pentecostal”, em que diversos dogmas do pentecostalismo eram refutados pelo jornal. Em uma de suas colunas, este fala especificamente dos “milagres” sendo este “um assumpto muito decantado pelos pentecostaes”, em outra coluna, o autor destrincha melhor o assunto.

“os pentecostaes se propalam como os obradores de milagres, curas maravilhosas – etc. Creio em parte nos milagres pentecostaes, não como elles querem impingir, mas como sendo manifestações diabólicas, sugestões demoníacas e nada mais”³⁰

Os elementos sentimentais e místicos eram alguns dos argumentos de refutação de protestantes contra os católicos, e agora os mesmos usam esses para refutar o pentecostalismo, os classificando também como “Heréticos” e até demoníacos. Pois o protestantismo que veio ao Pará manteve sua característica histórica e ser uma religião intelectual, racional e letrada³¹. Uma rejeição que se dá por “ traços de (sic) tradições protestantes controlam e inibem manifestações que a teologia da Reforma proíbe” (Mendonça, 1990) Aquelas manifestações que não se adequam a essa teologia são rejeitadas e até demonizadas pelos protestantes.

Com seu racionalismo, sua consolidada teologia e ortodoxia, o protestante não conseguiu comunicar sua crença ao religioso popular paraense, pois “O protestante mais estuda do que crê, está mais para verdades do que para crenças”. (Mendonça, 1990, p246). Em uma cidade onde 64,9% da população era constituída de analfabetos³², era difícil para o paraense assimilar a fé protestante que consistia de leitura bíblica, somada a livros, periódicos e folhetos de Lutero, Calvino e teólogos do protestantismo de seu tempo.

³⁰ “A heresia pentecostal” Jornal Norte Evangélico, 02\1923

³¹ Precisamos ressaltar aqui que, o Próprio Emilie Leonard, que faz essa análise do protestantismo, revela que entre as igrejas protestantes houve vários movimentos internos que caracterizavam uma ênfase em uma experiência Mística com o Espírito Santo, destaco aqui o movimento Pietista do Século XVII, em que se enfatizava uma vida piedosa, momentos longos de oração e experiências com o Espírito Santo, desse movimento, surgiram muitas denominações, incluindo a igreja Metodista. Mas, o protestantismo que chega no Brasil tem uma característica de ter uma forte ortodoxia e racionalismo, contrastando com o misticismo católico.

³² Goudinho, 2014, p63

Vingren relata a conversão de católicos a pentecostais em seu diário. Depois relatar sobre uma católica que aderiu a fé pentecostal, este passou a retratar um fenômeno que frequentemente este notava:

Quando os parentes católicos observam a vida justa dos crentes e a alegria que eles tem em Deus, e quando os ouvem falar em línguas, profetizar e cantar hinos espirituais, e falar com sabedoria, ficam completamente convencidos da realidade do poder de Deus. Quando, por exemplo, ouvem os seus próprios parentes falarem em novos idiomas, apesar de muitos deles serem analfabetos, reconhecem tudo isso vem de Deus.³³

Havia uma outra forma de conhecimento e assimilação da fé pentecostal que ia além da Bíblia, mas através de manifestações sobrenaturais, dentre elas, falar em outras línguas, fazendo com que pessoas analfabetas assimilassem e aderissem ao pentecostalismo. Os pentecostais trouxeram ao protestantismo um elemento místico que muito se assemelhava ao catolicismo mágico e sincrético da região, um elemento religioso muito mais palpável ao povo. A própria fé experiencialista era suficiente para a adesão do fiel ao pentecostalismo, sem que necessariamente a pessoa estivesse uma prática de leitura bíblica.

Em 1919, o movimento pentecostal em Belém, depois de já ter se expandido para outros estados e agora se denominando Assembleia de Deus, Nesse período, cria o jornal “A Boa semente”, com o objetivo de, assim como os outros jornais católicos e protestantes da cidade, defender a sua fé e seus dogmas específicos.

A igreja pentecostal do Brasil, sentido a tempos a necessidade de uma publicação de sua fé, em a qual melhor pudesse conhecer os ensinamentos escritos da Bíblia Sagrada, vem hoje preencher esta necessidade com o presente jornal. Tal é o motivo que traz a luz a “boa semente” [...] A nossa atitude, pois, para com os crentes de qualquer denominação é esta: Não queremos dissensões, nem discussões. Ao contrário, queremos que todos sejam unidos, em um mesmo parecer. Acreditamos que todos são nossos irmãos, desde que verdadeiramente creem em Jesus, como diz a escriptura e ainda que pertença a igreja ou a denominação que pertença³⁴

³³ Vingren, 61, p56

³⁴ A Boa Semente 18\01\1919

Percebemos a resistência dos protestantes, combateram o movimento pentecostal em seus veículos de imprensa. Apesar disso, os pentecostais reconheciam os protestantes como “irmãos” fazendo parte assim como eles da “igreja” por crer em Jesus.

A briga entre católicos e protestantes que ocorriam nos jornais era em caráter, na maioria das vezes, polemista e apologeta, envolvendo questões dogmáticas e políticas das quais, os pentecostais inicialmente não se preocuparam em se posicionar. Com seu racionalismo, sua consolidada teologia e ortodoxia, o protestante não conseguiu comunicar sua crença ao religioso popular paraense, acostumado com uma religiosidade oral e baseada na experiência, através de milagres, curas e contos da fé católica.

Considerações finais

Desde seu início, o movimento pentecostal surgiu por populares, marginalizados, um segmento social que, muitas vezes na história, manifesta a sua fé se forma mágica e mística. Belém do Pará era uma cidade fervorosa em sua religiosidade, especialmente por seu catolicismo, rezas muitas vezes sincretizadas com banho de ervas, devoções aos santos e com fervorosa adoração a Nossa Senhora de Nazaré. O pentecostalismo, ao chegar na cidade, atraiu pessoas por sua religiosidade mística, mágica, suas curas, seus êxtases emocionais.

O movimento pentecostal no país, é uma das mais diversas manifestações de fé que fizeram parte do cenário religioso brasileiro, a partir da separação oficial entre igreja e estado. O estranhamento dos protestantes devido essa nova fé que despontava, se dá por esta incorporar elementos místicos dos quais o protestantismo havia renegado por associar ao catolicismo. O misticismo atrelado a fé escriturística, fez com que o movimento pentecostal absolvesse membros da igreja protestante, e um campo do catolicismo onde o protestante pouco tinha influencia, o católico leigo, popular.

Essa reação do protestantismo diante do pentecostalismo mostra mais um estranhamento com relação as práticas religiosas místicas do pentecostalismo diante da fé racional protestante. Mostrando um processo que se desenrola até os dias de hoje, com um pentecostalismo diverso e pulverizado, atuando fortemente nas periferias do país, que conseguiu dialogar com melhor com a religiosidade mística católica brasileira urbana, do que todo o racionalismo letrado protestante.

Referencias

ALENCAR, Gideon Freire de. *Assembleias de Deus, Origem, organização e militância*. (1911-1946). (2010)

_____. *Matriz pentecostal brasileira*. Assembleias de Deus 1911-2011. Novos diálogos. Rio de Janeiro, 2013.

CALDAS, Carlos. *As ondas missionárias estrangeiras no Brasil*, 2001 in *Perspectivas no movimento cristão mundial*. WINTER Ralph, and BRADFORD, d. Kelvin.

HOOTNAERT, Eduardo. *História da igreja na Amazônia*. Editora Vozes, Petropolis, Rio de Janeiro. 1990.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da igreja cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2007.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O celeste Porvir, a invenção do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Editora IMS, 1995.

_____. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. In *Protestantismo no Brasil: Marginalização social e misticismo pentecostal*. São Paulo, ed Loyola, 1990.

GONZALES, Justo L. *Uma história do pensamento cristão. Da reforma protestante ao Século 20*. V3. São Paulo. Cultura cristã, 2004.

GOUDINHO, Liliane do Socorro Cavalcante. “*A palavra que vivifica e salva contra o mal da palavra que mata. Imprensa católica em Belém*”. Tese de doutorado, PUC-SP. São Paulo. 2014

GUEIROS, David Vieira. *O protestantismo, A maçonaria e a questão religiosa no Brasil*.

Universidade de Brasília, Brasília-DF, 1980.

LEONARD, Emilie. *Protestantismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. Rio de Janeiro, 1981. 354p.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. Edições Paulinas, 1984.

PEREIRA, José dos Reis. *O Apostolo da Amazônia*. Rio de Janeiro-1945.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. *As boas novas pela palavra impressa: Impresses e imprensa protestante no Brasil. (1837-1930)*. Doutorado em história. PUC-SP. São Paulo, 2010.

Fontes:

Livros:

“O Bíblismo” 1921. Pe. Florencio Dubois.

“O Diário do Pioneiro” 1961. Ivan Vingren

Periódicos

“A Palavra” (1916-1945)

“O apologista Chistão” (1890-1925)

“O jornal Baptista” (1901-Atualmente)

“Norte Evangélico” (1911-1950 Aproximadamente)